DIVERSOS

II SIMPÓSIO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

O II Simpósio de Orientação Educacional promovido pela Campanha de Aperfeiçoamento e Divisão do Ensino Secundário — CADES — realizou-se de 30 de junho a 5 de julho do corrente ano em Pôrto Alegre, na Universidade do Rio Grande do Sul. Convidado a participar do Simpósio o ISOP fêz-se representar pela psicotécnica Maria Helena Mattoso Moreira. Tomaram parte também do ISOP, Regina Sampaio Dias, Leonilda d'Aniballe Braga e Cecília Stramandinoli.

A instalação do II Simpósio foi procedida pelo professor José Carlos de Mello e Souza — Coordenador da C A D E S — representando o Sr. Diretor do Ensino Secundário — Dr. Gildásio Amado. Seguiu-se a alocução da Professôra Maria Junqueira Schmidt sôbre "A Orientação Educacional no Brasil e os trabalhos realizados desde o I Simpósio".

As sessões de trabalhos tiveram como base a discussão de cinco temas desenvolvidos por comissões de Orientadores e Educadores do Rio de Janeiro, Pôrto Alegre e São Paulo, a seguir:

"Posição da Orientação Educacional na Escola Secundária — princípios básicos".

"A Equipe do Serviço de Orientação Educacional na Escola Secundária — elementos integrantes, funções e coordenação".

"Relações do Serviço de Orientação Educacional: com a Direção da Escola, com o Corpo Docente, com a Família do Aluno e a Sociedade".

"A atuação do Serviço de Orientação Educacional junto aos alunos: individualmente, ou em grupos de alunos".

"Cooperação da Escola Secundária com as Faculdades de Filosofia na formação dos Orientadores: o Estágio previsto na Portaria n.º 105-58: — suas formas de realização, programa e condições de eficiência".

Além dos debates em tôrno dos temas apresentados, realizados pela manhã, foi dada aos participantes a oportunidade de apresentação de experiências no campo da Orientação Educacional. Nessa ocasião o I S O P contribuiu com um trabalho de Dora de Barros Cullinan e Léa Kauffmann — "A Ficha Cumulativa e sua utilização pelo Serviço de Orientação Educacional na Escola Secundária". Dentre outras, foram apresentadas também duas pesquisas realizadas pelos professôres Francisco Pedro E. Pereira de Souza e Édela Lanzer Pereira de Souza sôbre as quais apresentaremos um resumo anexo.

Como resultados positivos do Simpósio tivemos uma assistência de cêrca de 800 pessoas interessadas em tomar conhecimento do assunto em foco, bem como a contribuição de sugestões a serem estudadas pelo

Ministério de Educação e Cultura no sentido de suprir as dificuldades que se apresentarem na formação dos Orientadores Educacionais. Por outro lado travamos conhecimento com varias pessoas e Instituiçoes procurando contactar com suas atividades e ao mesmo tempo prestando informaçoes sobre o nosso trabalho no ISOP.

RESUMO DE DUAS PESQUISAS REALIZADAS POR ÉDELA LANZER PEREIRA DE SOUZA e FRANCICO PEDRO E. PEREIRA DE SOUZA — PÔRTO ALEGRE.

Aferição sôbre o conceito dos professôres entre os alunos

Atendendo à necessidade de auscultar os alunos quanto à atuação docente dos professores com objetivos de aperfeiçoamento do trabalho déstes, o Serviço de Orientação Educacional da Escola Técnica de Comercio anexa a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio Grande do Sul, fêz um levantamento da opinião dos alunos sôbre os professôres da escola em fins de 1957.

A técnica utilizada foi a da avaliação de todos os professôres da turma por meio de escala graduada em 5 pontos e em que eram focamento contasse com uma experiência maior dos alunos com o professor, 2) Linguagem utilizada. 3) Didática. 4) Atitude do professor para com os alunos. 5) Disciplina mantida. 6) Nível da materia lecionada. 7) Valorização da matéria.

A coleta foi feita no fim do ano escolar não só para que o julgamento contasse com uma experiência maior dos alunos com o professor, como tambem para evitar um clima desagradável em classe, caso a avaliação não fôsse boa. Os resultados serviriam de orientação para o trabalho letivo do ano seguinte.

Quanto à avaliação, em 1.º lugar foram tabuladas as freqüências obtidas nos graus 1, 2, 3, 4, 5 da escala, multiplicando-se, a seguir, o resultado pelo grau correspondente. Somados os valores obtidos foram convertidos em percentagens. Desta forma todos os professôres da escola obtiveram um grau em cada um dos seis aspectos medidos e um grau final resultante da média aritmética entre os 6.

Foram organizados dois tipos de quadros comparativos:

1 — Um quadro por turma em que figuram todos os professôres pela mesma avaliados. Observa-se desta forma a preferência revelada pelos alunos.

2 — O segundo quadro compara as médias gerais obtidas por todos os professôres da escola, conforme a turma que os avaliou.

A análise dos resultados revelou:

1 — Quanto à objetividade da apreciação: o julgamento dos alunos correspondeu ao conceito que o professor já gozava na escola, percebido de forma assistemática. Além disso, a preferência demonstrada pelas matérias não coincidiu com a preferência pelos respectivos professôres, o que depõe também a favor da objetividade do julgamento dos alunos.

2 — Quanto à coerência dos pareceres: A avaliação do mesmo professor, pelas diversas turmas, foi equivalente, de modo geral. Houve, no entanto, duas discrepâncias interessantes. A 1.ª com um professor de cadeira técnica que mereceu maior valoração no Curso de Conta-

bilidade do que no Curso de Secretariado. A outra, com um professor de língua viva, que mereceu maior valoração no Curso de Secretariado do que no Curso de Contabilidade (apesar de sua cadeira ter sido classificada em 2.º lugar por ordem de importância no Curso de Contabilidade). Revelado o resultado aos respectivos professôres, êles próprios confessaram uma preferência no mesmo sentido, isto é, o da cadeira técnica prefere a turma de Contabilidade à de Secretariado, acontecendo o inverso com o outro professor (notem-se as relações humanas em jôgo...)

3 — Quanto aos perfis dos professôres: os resultados salientaram os pontos altos de cada professor, bem como os ângulos deficientes, fornecendo, assim, indicações para revisão e auto análise de cada um, restringindo-nos a êsses dados de ordem geral, para não incorrer na quebra de sigilo.

4 — Quanto ao valor das matérias do currículo: foram mais bem cotadas as cadeiras especializadas (de Contabilidade e Administração) menos apreciadas as de Física, Química, Biologia, Geografia e História. Vemos assim que os técnicos muito fàcilmente desvalorizam a cultura geral. Essas cadeiras menos prezadas devem merecer cuidado especial da parte dos professôres, quanto à justificação de sua existência no curso.

Conclusões

1 — Aceitação plena dos alunos.

2 — Grande interêsse dos professôres, havendo já por parte dêstes pedido para que êsse levantamento se repita.

3 — Objetividade do trabalho devido às precauções tomadas para sua apresentação e a utilização da escala em 5 pontos possibilitando uma valoração menos subjetiva e quantificação imediata.

4 — A opinião dos alunos não constitui medida suficiente para a avaliação dos professôres; levanta, porém, hipóteses de trabalho interessantes e valiosas para o aprimoramento do processo educacional nas escolas.

Nota: Êste tema foi tratado no Congresso de Psicologia Aplicada — Roma, 9 — 14 de abril de 1958.

Levantamento de interêsses em alunos do ensino comercial

O Serviço de Orientação Educacional da Escola Técnica de Comércio anexa à Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio Grande do Sul realizou durante o ano de 1957 três pesquisas sôbre os interêsses dos alunos do 3.º ano do Curso Técnico de Contabilidade.

Visava êste trabalho a uma dupla finalidade:

1.º — Realizar a orientação vocacional e profissional dos alunos.

2.º — Conhecer a realidade educacional da escola, ou seja: o papel da Escola Técnica de Comércio na vida do aluno e no panorama geral.

Foram utilizados três tipos de provas:

1 — Catálogo de Livros de Morey y Otero, na forma de Mira y Lopez (45 alunos).

2 — Inventário de Interêsses de Thurstone, na adaptação de Arrigo Angelini (32 alunos).
3 — Questionário constituído das seguintes perguntas: (32 alunos).
a) Qual o vestibular que fará? Por que?
b) Qual o que faria se pudesse escolher, independente de circunstâncias limitadoras atuais? Por que?
c) Por que escolheu o Curso Técnico de Contabilidade?

Além dessas provas, valeu-se o Serviço dos dados colhidos por um inquérito social que constava de 91 perguntas referentes a: I — dados gerais; II — habitação; III — alimentação; IV — vida profissional; V — horário escolar; VI — vida recreativa; VII — vida intelectual; VIII — vida escolar.

As conclusões foram as seguintes:
1.ª — A Escola Tecnica de Comércio não é procurada por razões de ordem profissional.
2.ª — Sua população escolar é constituída por indivíduos lançados na esfera do comércio por razões econômicas.
3.ª — Favorece essa procura:
a) o fato de ser noturna, permitindo o exercício de uma atividade profissional durante o dia.
b) o fato de ser equiparada ao curso colegial.
4.ª — Quanto à esfera dos interêsses, os resultados do Catálogo de Livros e do Inventário de Interêsses não coincidiram.

O Inventário de Thurstone coloca o examinando numa situação mais prática, mais direta, resultando daí a escolha das profissões mais ligadas a sua atividade e formação: a esfera do comércio.

Já o Catálogo de Livros apela para as horas de lazer e procuraria atender aos interêsses latentes. Revelam-se assim, interessados em assuntos de ordem psicológica e social — o que é perfeitamente coerente com a sua situação na vida: indivíduos não favorecidos econômicamente, que lutam pela ascenção. O fato de no Inventário de Interêsses as "profissões humanitárias" situarem-se em último lugar leva-se a concluir que os alunos não têm um interêsse profissional pelas atividades sociais, mas sim um interêsse mais profundo e íntimo, diretamente vinculado à formação de sua personalidade e à solução de seus problemas sociais.

5.ª — A análise e interrelação dos dados colhidos revelou que os três tipos de provas utilizadas não só se completam, como são indispensáveis para uma orientação mais efetiva. As observações também têm sido confirmadas pelas entrevistas individuais com os alunos.

MARIA HELENA MATTOSO MOREIRA

CONDIÇÕES PSICOLÓGICAS PARA O TRABALHO DE SECRETARIA

Dada a variedade dos trabalhos de Secretária pode dizer-se que não existe um tipo, porém vários de secretárias ideais. Não obstante, através das diferenças específicas é possível concretizar algumas das qualidades comuns a tôdas elas, isto é, as que poderíamos qualificar de aptidões básicas ou "sine qua non" para a boa secretária.

1.ª *Discreção* — Isto é: capacidade de não falar vocábulo secretária significa "depositária de segredos", isto é, auxiliar que trabalha incrustrada no mesmo núcleo da emprêsa, junto aos seus chefes e, portanto, a par da vida interna da mesma. Uma secretária indiscreta pode, sem dúvida, determinar até a falência da organização à qual presta os seus serviços.

2.ª *Diligência* — Isto é: capacidade de fazer as coisas sem demora. "Não deixes para amanhã o que possas fazer hoje" é um *slogan* ainda mais necessário nos Trópicos.

3.ª *Serenidade* — Isto é: capacidade de contrôle das próprias emoções e de conservar-se aparentemente calma em qualquer circunstância.

4.ª *Compreensão* — Habilidade para captar exatamente o sentido das instruções que lhe são dadas e também para perceber as dificuldades que, de modo aparente ou encoberto, se oporão à sua realização.

5.ª *Memória* — Uma secretária é uma espécie de Arquivo vivo, isto é, deve ter na sua cabeça a maior quantidade possível de lembranças e dados referentes à vida e aos acontecimentos da emprêsa. É claro que, em grande parte, essa capacidade poderá ser auxiliada com um bom sistema de classificação e ordenação dos materiais (cartas etc.), porém existem múltiplos detalhes e sucessos que sòmente podem ser guardados na cabeça de quem os presenciou.

6.ª *Fluência ideo-verbal* — Isto não quer dizer, como muitos pensam, "facilidade" de palavra e sim "precisão". A secretária tem que saber dizer com clareza e concisão tudo que é preciso, não sendo nem tagarela nem por demais fechada na sua conversa. Esta aptidão estende-se também à redação.

7.ª *Incorruptibilidade* — A secretária deve ser inteiramente fiel aos interêsses da organização e não se pode deixar levar por sentimentos de amizade ou gratidão por quem quer que seja. Infelizmente êste é um êrro que muito freqüentemente se observa: a adesão torna-se de caráter "pessoal" ao chefe, embora não seja êle quem pague à Secretária e, sim, a emprêsa.

Assim sendo, uma boa secretária tem que saber abster-se, com prudência, porém com energia, de colaborar com o seu chefe nos empreendimentos ou atos que sejam manifestamente contrários ao espírito e às finalidades da organização na qual os dois se acham empregados. É claro que esta ressalva não se aplica em se tratando de uma secretária "particular", que é paga por êle a fim de ajudar-lhe nos seus assuntos privados.

8.ª *Amabilidade* — Pode parecer estranho que seja citada em lugar tão secundário esta qualidade que, entretanto, seria considerada precípua por muitos chefes. É que muitos confundem uma secretária "boa" com uma boa secretária. Então, é claro, colocam em primeiro lugar as condições de aparência, atratividade, meiguice e mesmo doçura pessoal. A verdade, porém, é outra: a secretária tem que ser amável sem mostrar-se demais agradável. A urbanidade e as boas maneiras são, evidentemente, necessárias, porém tem que ser evitado qualquer sinal ou gesto que possa levar a pensar nela mais como mulher do que como profissional.